

SUCESSO E FRACASSO NA OBRA “A REVOLUÇÃO DOS BICHOS”: MAQUIAVEL, HOBBS E ROUSSEAU

SUCCESS AND FAILURE IN THE WORK "THE ANIMAL REVOLUTION": MACHIAVELLI, HOBBS AND ROUSSEAU

Luana Fernandes da Silva*
Marcio Tadeu Girotti**

RESUMO

Trata-se de investigar, em âmbito político e filosófico, os aspectos ligados à tomada de decisão considerando o sucesso e o fracasso dentro da gestão empresarial, trabalhando com as obras de três pensadores, a saber: Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau. A análise da obra e do pensamento destes filósofos terá por base a leitura e contextualização da obra de George Orwell, intitulada “A Revolução dos Bichos” (1945). Partindo do contexto desta obra literária, e sua inserção acerca da discussão sobre o regime totalitário, busca-se analisar o ponto de vista da “revolução” a partir dos conceitos históricos-sociais e filosóficos inseridos nas obras dos três filósofos, que, em épocas diferentes, analisam o *status quo* fundamentando a existência social e as relações de poder.

Palavras-chave: Política. Revolução. Sucesso. Fracasso

ABSTRACT

It is a matter of investigating, in a political and philosophical scope, the aspects linked to decision making considering success and failure within business management, working with the works of three thinkers, namely: Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes and Jean-Jacques Rousseau. The analysis of the work and thought of these philosophers will be based on reading and contextualizing the work of George Orwell, entitled “The Animal Revolution” (1945). Starting from the context of this literary work, and its insertion about the discussion about the totalitarian regime, we seek to analyze the point of view of the "revolution" from the historical-social and philosophical concepts inserted in the works of the three philosophers, who, at different times different, analyze the status quo basing social existence and power relations.

Keywords: Politics. Revolution. Success. Failure

* Graduação em Administração. Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação (FATECE). Pesquisa de Iniciação Científica. fer.luana@outlook.com

** Docente da Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação (FATECE). Orientador da Pesquisa de Iniciação Científica. girotti.mtg@gmail.com

Introdução

O artigo em questão trata de investigar, em uma visão política e filosófica, aspectos ligados as decisões tomadas considerando o sucesso e o fracasso na gestão focada na empresa.

Para análise de caso, consideramos a obra “A Revolução dos bichos”, de George Orwell, com uma visão focada na gestão empresarial, onde serão observados pontos e momentos estratégicos na empresa, associado aos dias atuais.

Escrita em 1945, contextualizada em seu próprio momento político, a obra se enraíza perfeitamente no contexto atual nas gestões empresariais do século XXI. Na história, os animais se voltam contra a ditadura dos humanos, criando sua própria revolução.

Edificam uma sociedade onde os porcos são retratados como os mais inteligentes e aptos para a liderança. Com um ideológico utópico, um dos porcos toma para si o poder totalitário da Granja, retirando a ideia de igualdade que *a priori* fora pensada e almejada. O sonho da sociedade de igualdade e liberdade cai novamente por terra. Os porcos, ora oprimidos, passam a oprimir toda a comunidade que habita a granja.

Além disso, o livro aborda a fraqueza humana, o poder, a manipulação e os regimes políticos. Os humanos são capazes de dominar os animais, que apesar de serem mais fortes fisicamente, não conseguem ter a consciência de que estão sendo dominados. Podemos nos aproximar a uma relação muito parecida entre patrões e o proletariado.

Podemos comparar a fábula com qualquer revolução, em que os mais fracos tomam o poder sendo logo em seguida corrompidos por ele.

A obra nos mostra um conceito histórico-social, que pode, a nosso ver, ser reinterpretada em vista do pensamento de três grandes filósofos: Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau e Nicolau Maquiavel.

Thomas Hobbes trabalha sobre o estado da natureza, por meio da característica Contratualista: a origem do Estado está no Contrato entre os seres humanos, que vivem antes num Estado de Natureza, sem organização ou poder e, pelo Contrato (Pacto), estabelecem regras de convívio social e subordinação política.

Jean-Jacques Rousseau apresenta a sua obra de âmbito político: “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens” (1755) e “Do contrato social” (1762).

Nicolau Maquiavel possui como sua principal obra o escrito intitulado “O Príncipe”, um manual que ensina como deve o príncipe manter a ordem.

De início, faremos uma breve apresentação da obra, mostrando partes importantes. Em seguida, faremos a interpretação sobre cada filósofo, mostrando seus principais fatores e pontos de vista que se ligam a obra de Orwell. Buscamos também interpretar a obra de Orwell separando-a em três momentos distintos: revolução, tomada de poder, queda do poder. Um misto entre obra e dias atuais, em que saímos da fábula e entramos em nosso dia a dia.

Por fim, este artigo tem como objetivo identificar o sucesso e o fracasso no âmbito da busca pelo poder e sua manutenção e queda, buscando o cenário das organizações e a figura dos líderes.

Apresentação da obra: A Revolução dos Bichos

A obra se passa na Granja do Solar, que tem como proprietário o Sr. Jones, um homem que é viciado em bebidas alcoólicas.

A Granja é grande, com muitos animais, dentre eles, o velho Major, um porco, muito sonhador, sonhava com a liberdade dos animais. Três cachorros, Branca, Lulu e Cata-Vento. Dois cavalos, Sansão e Quitéria. A cabra Maricota, o burro Benjamin, Mimosa a égua branca, Moisés, o corvo, dois porcos, Bola-de-Neve e Napoleão, entre galinhas, vacas, ovelhas e pombas.

Todas as noites, o Sr. Jones bebia, a ponto de não conseguir cuidar direito de seus animais.

Velho Major (o porco), marcou, então, uma reunião, e convocou todos os animais da Granja. Ele havia sonhado e gostaria de contar a todos sobre seu sonho, marcou-se a reunião no celeiro, assim que tudo estivesse calmo.

Assim fizeram, todos compareceram à reunião, exceto Moisés (o corvo). Deu-se início à reunião:

Por que, então, permanecemos nessa miséria? Porque quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos nossos problemas. Resume-se em uma só palavra - Homem. O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o que dê para pegar uma lebre. Mesmo assim é o senhor dos animais.

Disse-lhes o velho Major.

Está é uma mensagem que eu vos trago, camaradas: rebelião! Todos os homens são inimigos, todos os animais são camaradas. Continuou o velho Major.

Pouco mais tenho a dizer. Animal nenhum deve morar em casas, nem dormir em camas, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro, nem comerciar (ORWELL, 2002, p. 12-14).

Então, o velho Major, ensinou-lhes uma canção, “Bichos da Inglaterra”.

Bichos da Inglaterra e da Irlanda,
Daqui, dali, de acolá,
Escutai a alvissareira,
Novidade que virá.
Mais hoje, mais amanhã,
O Tirano vem ao chão,
E os campos da Inglaterra;
Só os bichos pisarão.
Não mais argolas nas ventas,
Dorsos livres dos arreios,
Freio e espora enferrujados
E relho em cantos alheios.
Riqueza incomensurável,
Terra boa, muito grão,
Trigo, cevada e aveia,
Pastagem, feno e feijão.
Lindos campos da Inglaterra,
Ribeiros com águas puras,
Brisas leves circulando,
Liberdade nas alturas.
Lutamos por esse dia;
Mesmo que nos custe a vida.
Gansos, vacas e cavalos,
Todos unidos na lida.
Bichos da Inglaterra e da Irlanda,
Daqui, dali, de acolá,
Levai esta minha mensagem;
E o futuro sorrirá.

Essa canção levou todos a êxito total, eles cantavam com todo seu fôlego, cada vez mais e mais alto. A cada parte da música, aumentava a vontade deles em ser livres.

Passou-se alguns dias, o velho Major faleceu, durante um sono.

A liderança passou automaticamente aos porcos, entre eles, os que mais se destacavam, Bola-de-Neve, Napoleão e Garganta, com personalidades diferentes, mas queriam levar a ideia do Major adiante. Organizaram os ensinamentos do Major num sistema de pensamento, a que deram o nome de Animalismo, onde criaram os 7 mandamentos a serem seguindo por todos.

Organizaram várias reuniões, sempre durante a noite, depois que Jones já dormia. De início, não era nada fácil, havia uma certa ignorância e apatia. A preocupação sobre quem os alimentava, ou mesmo, quem os arrumaria para trabalho e/ou após o trabalho.

Os porcos, com toda sua sabedoria, estavam empolgados para conseguir realizar o Animalismo. Não se sabia quando e como aconteceria, mas estavam se preparando.

Certa noite, Sr. Jones, ao se embriagar, acaba esquecendo de alimentar seus animais, os deixando famintos e furiosos. Tudo acontecendo rápido, sem planejamento, mas sabiam que seria naquele instante, o momento ideal para a rebelião.

Se soltaram e invadiram o local onde se guardavam os alimentos. Com todo aquele barulho, Jones e seus homens acordaram, pegaram armas e chicotes. Chegando no celeiro, se deparam com os animais agitados. Tentaram conseguir o controle da situação, mas não obtiveram sucesso. Fugiram do local, com os animais a perseguirem por uma parte do trajeto. A esposa de Jones, ao ver toda aquela situação pela janela, arrumou rapidamente uma bolsa e também saiu da Granja.

Os animais fecharam os portões e mal podiam acreditar no que acabara de acontecer, os animais ficaram exuberantes, afinal, nada havia sido planejado, foi um acontecimento rápido. Vibraram com a liberdade, corriam pela granja, destruíram tudo o que lembrava o Sr. Jones, sempre cantando a canção “Bichos da Inglaterra”.

Em seguida, foram até a casa, entraram todos os bichos, ficaram olhando tudo que havia por lá, todo aquele luxo, cama, sofá, comidas. Ali, decidiram que seria um local que jamais seria habitado por nenhum deles.

Os porcos aprendem a ler e escrever, e acabam criando regras e leis. Se autodeclararam líderes, podendo impor e fazer acontecer aquilo que seja de sua vontade.

Os porcos marcaram uma reunião, quando disseram aos outros animais que há algum tempo haviam aprendido a ler e escrever, e fizeram mudanças sem assembleia para se discutir sobre, tomaram todas as decisões somente entre eles. Trocaram o nome de Granja do Solar para Granja dos Bichos. Escreveram e impuseram 7 mandamentos na parede, com letras grandes, na cor branca, onde era possível ler a metros de distância:

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo;
2. O que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo;
3. Nenhum animal usará roupa;
4. Nenhum animal dormirá em cama;
5. Nenhum animal beberá álcool;
6. Nenhum animal matará outro animal;
7. Todos os animais são iguais (ORWELL, 2002, p. 24).

Bola-de-Neve leu em voz alta para todos os animais e todos concordam. Os porcos ordenharam as vacas, porém, não disseram aos animais o que seria feito com todo aquele leite. Todos voltaram aos seus serviços, a colheita, que por sinal, estava sendo muito bem feita, todos os animais estavam trabalhando juntos. Os animais deram continuidade aos serviços que já faziam. Os bichos estavam felizes, como nunca.

Sempre faziam reuniões, finalizadas com o hino Bichos da Inglaterra. Fizeram aulas, e muitos animais, além dos porcos, que já estavam lendo e escrevendo super bem. Lulu e Ferrabrás deram cria a nove cachorrinhos, desmamados muito rápidos. Napoleão tão logo os tirou de suas mães, dizendo que o mesmo trataria de sua educação.

A notícia de que os animais haviam tomado conta da granja logo se espalhou, os porcos faziam questão de mandar pombos com bilhetes a todos. O Sr. Jones ficava queixando-se por ter sido expulso de sua Granja pelos animais. Os granjeiros, de início, não lhe ofereceram muita ajuda. Todos assustados com o que havia acontecido, temiam acontecer o mesmo em suas granjas.

Juntaram-se os granjeiros, com armas, e toda preparação para invadir. Ao chegarem na Granja, foram recebidos com ataques dos animais. Os animais venceram mais uma vez. Os animais decidiram criar uma condecoração militar “Herói animal, Primeira Classe”.

Na Granja os bichos tiveram como ordens dos porcos a construção do moinho, para que os animais trabalhassem mais, os porcos decidiram diminuir a ração dos animais.

Eram dias de muito trabalho para a construção do moinho, os bichos davam o melhor de si.

Bola-de-Neve, sempre com discursos brilhantes, estava sempre à frente dos outros porcos, o que os incomodava muito, principalmente a Napoleão. Bola-de-Neve impressionou a todos com a explicação sobre a construção de um moinho, planejou e organizou para que tudo acontecesse bem, Napoleão nunca ficou a favor do moinho.

Napoleão defendia a ideia de que os animais deveriam conseguir armas fogos e instruir-se em seus empregos. Já Bola-de-Neve defendia a ideia de que deveriam enviar mais pombos e provocar a rebelião em outras granjas. Um buscava uma forma de defender seu local, o outro buscava a necessidade de não precisar se defenderem.

Fizeram uma reunião, em que haveria uma votação, visivelmente Bola-de-Neve estava ganhando. Quando surge nove cachorros, com coleiras tachonadas com bronze, e partiram para cima de Bola-de-Neve, que saiu correndo às pressas, conseguiu fugir antes que fosse tarde. Os animais ficaram muito assustados, os cachorros protegem Napoleão,

como se fosse seu dono. E assim Napoleão se fez líder. Determinou até mesmo, a morte de Bola-de-Neve.

E assim, a situação atual era: os bichos trabalhavam feitos escravos e os porcos ficavam apenas no comando.

Um domingo de manhã, quando os bichos se reuniram, os porcos então decidiram que a partir daquele dia a granja dos Bichos passaria a comercializar com as da vizinhança. Quebrando, assim, um dos primeiros mandamentos, “Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo”. Quando, mais ou menos nessa mesma época, os porcos resolveram que iriam morar na casa da Granja. Mais uma vez os bichos julgaram lembrar-se de que havia algo contra isso. Os porcos então os disseram que era necessário um lugar calmo para trabalhar e que um líder necessitava de um lugar mais digno. Quitéria, porém, tinha impressão de lembrar-se de uma lei específica contra camas, foi até o fundo do celeiro e tentou decifrar os Sete Mandamentos que lá estavam escritos. Pediu ajuda a Maricota, que já conseguia ler melhor. No Quarto Mandamento estava: ‘Nenhum animal dormirá em cama com lençóis’. A menção ‘lençóis’, elas não se recordavam de estar ali antes. Mas se estava escrito ali na parede, estava certo.

Novembro chegou com ventos fortes. Houve uma noite em que a tormenta foi tão forte que os galpões da granja tremeram na base. Foi quando encontraram o moinho, que todos havia trabalhado muito para sua construção, ali, caído. A tristeza ficou visível em todos. Foi quando Napoleão destacou, como se tivesse chegado a uma conclusão: “Camaradas...sabem quem é o responsável por isto? Sabem quem foi o inimigo que, na calada da noite, destruiu nosso moinho de vento? Bola-de-Neve!” (ORWELL, 2002, p. 60).

Deixando todos os animais chocados, ao imaginar que Bola-de-Neve fora capaz de uma coisa daquelas. Napoleão, então, lhes mostrou algumas pegadas, que pareciam de porcos e levava até a Granja Foxwood. Comprovando a traição de Bola-de-Neve.

Mostraremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho assim tão fácil. Lembrem-se, camaradas, não deve haver mudanças e, nossos planos: serão cumpridos à risca. Para frente, camaradas! Viva o moinho de vento! Viva a Granja dos Bichos! (ORWELL, 2002, p. 61).

O inverno foi horrível. As tempestades seguiram-se, o granizo, as nevadas, depois o elo, que só derreteu em meados de Fevereiro. Os bichos se empenharam na reconstrução do moinho.

Certa manhã, Garganta anunciou que as galinhas, que mal haviam começado a pôr ovos, deveriam lhe entregar os ovos, pois Napoleão combinou de entregar quatrocentos ovos por semana. As galinhas não gostaram nada do que ouviram, e houve protesto, liderado por três jovens frangas minorcas, contrariando os desejos de Napoleão. O mesmo cortou a ração das galinhas, os cachorros fiscalizavam para ver se a ordem estava sendo seguida. As galinhas resistiram por cinco dias, depois capitularam e voltaram ao ninho, nove já haviam morrido. Os ovos foram entregues com pontualidade.

Surgem boatos de que Bola-de-Neve estaria homiziado numa das granjas vizinhas, Foxwood ou Inchfield. Na primavera, descobriu-se um fato, Bola-de-Neve estaria frequentando a granja durante as noites. Sempre que algo parece errado, o culpado era sempre Bola-de-Neve. Napoleão decretou uma investigação sobre as atividades. Todos andavam aterrorizados.

Camaradas[...], descobrimos uma coisa pavorosa. Bola-de-Neve vendeu-se a Frederick, da Granja Pinchfiel, que neste mesmo instante está planejando atacar-nos e tomar nossa granja! Bola-de-Neve será o guia, quando o ataque começar. Mas ainda há coisa pior (ORWELL, 2002, p. 74).

Os bichos ouviram tudo e ficaram assustados. Bola-de-Neve estaria do lado do Sr. Jones desde sempre, disse-lhes Napoleão. Aquilo era pior que qualquer crime. Pois Bola-de-Neve esteve presente em todos os momentos com eles, na rebelião, os ajudou, até chegou a se machucar. Os bichos não acreditavam no que lhes estava sendo dito. Garganta descreveu tudo tão certo, tudo se encaixava. Napoleão pediu que todos ficassem com os olhos bem abertos. Passou quatro dias, Napoleão pediu que os animais se reunissem a tardezinha, no pátio. Napoleão, como sempre, estava acompanhado pelos cachorros. Depois de um guincho estridente, imediatamente os cachorros avançaram sobre quatro porcos, os segurando pelas orelhas. O tumulto agora havia amainado. Napoleão os fez confessar que estavam tendo contatos com Bola-de-Neve, e o estava ajudando. Ao fim da confissão, os cachorros estraçalharam a garganta dos quatro.

As três galinhas que lideraram contra a venda dos ovos confessaram que Bola-de-Neve aparecia em seus sonhos, as instigando, desobedecendo Napoleão. Também foram degoladas. Uma ovelha confessou ter urinado no açude, duas outras, confessaram assassinar um velho bode. Todos foram mortos ali mesmo. E assim seguiu com várias outras confissões e execuções.

Todos estavam assustados, entre ações e execuções, não se sabia o que era pior. Jamais havia visto aquela cena, desde a rebelião não se teve mortes, nem mesmo de um

rato. E assim, mais um dos mandamentos não estava saindo conforme escrito: “Nenhum animal matará outro animal”.

Chegou uma época em que os animais já não podiam mais falar o que queriam, ou que pensavam, que os cachorros estavam por toda parte e todos eram obrigados a ver camaradas feitos em pedaços após confessar algum crime.

Quando não encontrava palavras, cantavam “Bichos da Inglaterra”. Logo foi anunciado que a canção estava abolida, já não se podia mais cantar. Garganta lhes disse que não havia mais necessidade de cantar tal canção.

Em seu lugar, se falavam um poema: “Granja dos Bichos, Granja dos Bichos, Jamais te farão mal” (ORWELL, 2002, p. 74).

Aos poucos, os porcos foram acrescentando palavras aos mandamentos, prescrevendo outros sentidos. O sexto mandamento dizia “Nenhum animal matará outro animal, sem motivo”. Quitéria e Maricota leram o mandamento, não se recordava das últimas palavras, mas concordaram com o que haviam lido.

Durante aquele ano todos trabalharam muito. As ordens agora eram transmitidas por Garganta. Napoleão era pouco visto em público. O mesmo era tratado com muito respeito por todos. Todos os créditos eram dele. Com o passar do verão o moinho estava quase concluído.

Os porcos começaram a beber bebida alcoólica, comercializavam com os humanos, e todo dinheiro ganho era utilizado para comprar uísque.

Passaram-se anos. Poucos animais ainda vivos. Napoleão se tornará um porco cachaço. Poucos se lembravam da vida antes da rebelião. Sr. Jones morreu em um asilo com problemas alcoólicos.

Os porcos já viviam com os mesmos hábitos dos humanos. Napoleão já apresentava traços humanos. Decidiu-se então voltar ao antigo nome, Granja do Solar, ele se denominava dono dos bichos, superior a todos. E assim foi, eventos com humanos, sentavam-se à mesa, fumavam charuto, bebiam bebidas alcoólicas: “As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco” (ORWELL, 2002, p. 112).

Na busca pelo poder e sucesso, eles acabam se perdendo na ambição descontrolada. Se tornam corruptos, privaram-se da liberdade. Os porcos se tornaram seres horríveis, aos quais, já não se reconheciam. Os animais perderam as esperanças de uma liberdade em que se pudesse viver bem.

Eles se organizaram para saírem de uma escravidão, onde todos pudesse viver iguais, e caíram numa escravidão sem saída. Um fracasso, sem princípios.

Uma interpretação: Hobbes e o estado de natureza

Thomas Hobbes, filósofo e teórico inglês, ligado ao pensamento contratualista, defendia o regime político da monarquia, escrevendo, a partir disso, sua principal obra: *Leviatã*. (PORFÍRIO, 2018)¹.

Para Hobbes, todos os seres humanos nascem livres quanto à capacidade de atingirem seu fim. Mas na condição natural, eles têm uma propensão para a “maldade”, para a guerra de um contra o outro. Guiado pelas paixões, naturalmente há o atrito quando um deseja a mesma coisa que o outro e esta não pode ser contemplada pelos dois ao mesmo tempo. Daí decorre a guerra de “todos contra todos” (PORFÍRIO, 2018).

Tal como os homens, tendo em vista conseguir a paz, e através disso sua própria conservação, criaram um homem artificial, ao qual chamamos Estado, assim também criaram cadeias artificiais, chamadas leis civis [...] (HOBBS, 1999, p. 21).

Este é um estado de guerra e de conflitos, que prejudica os seres humanos. Ninguém se sente tranquilo tendo que viver no confronto, na insegurança, na desconfiança. O fim último de todos os seres humanos é o desejo de sair dessa condição de guerra e de ter uma vida mais satisfatória. O Estado e as leis destinam-se à preservação da vida dos indivíduos. Sem esses artifícios não haveria paz, nem vida (WEFFORT, 2011).

Hobbes enquadra-se na tradição contratualista, isto é, para ele a passagem do estado de natureza ao estado civil dá-se através de convenções: atos voluntários e deliberados dos indivíduos interessados em sair do estado de luta e desconforto. Dois tipos de contratos: o de ASSOCIAÇÃO, onde os indivíduos, livremente, associam-se instituindo o estado civil; e o de SUBMISSÃO, onde o poder político é instituído com base num governo que é firmado entre a sociedade e o príncipe (CABRAL, 2017).

Vale lembrar que Hobbes é fruto de uma época onde aconteceram grandes batalhas, guerras e lutas de interesses diversos. Hobbes, então, participando de tudo isso, questiona o comportamento humano e chega a afirmar que, naturalmente, lutamos todos

¹ <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/thomas-hobbes.htm>

contra todos. Há somente o governo para que exista paz entre os indivíduos. Por isso, o poder soberano tem que ser ilimitado.

Observa-se que o soberano não assina o contrato. Pode parecer estranho, mas tudo se explica porque esse contrato é firmado apenas pelos que serão súditos, isto é, os beneficiados. Aqueles que estão submetidos a um monarca não pode, sem licença deste, renunciar à monarquia.

O objetivo de os indivíduos se unirem e pactuarem é a proteção. Os contratos, em si, não são mais que palavras fáceis de serem violadas, caso haja ameaças de punições. Por outro lado, existem aqueles que se opõem aos mandos do soberano.

Hobbes não pensa nas relações pessoais ou grupais mínimas, mas em uma noção de poder geral, de Estado. Também não pensa o poder como efetivação ou circulação, uso ou eficácia, mas como instância que pode ser possuída, cedida, e organizada numa forma maior, o Estado. Desse modo é correto concluir que, para Hobbes, o poder dá-se de forma centralizada, ou seja, em uma relação direta com o Estado.

É possível interpretar a obra “A revolução dos Bichos”, considerando o escrito em *Leviatã*, que mostra a guerra de todos contra todos dentro do Estado de Natureza, com a subordinação dos seres humanos uns aos outros, pelo medo e a procura de Paz (Sociedade) culminando no Pacto Social (Contrato) no poder Absoluto do Soberano. Tal como vimos na primeira obra, os animais eram iguais uns aos outros (GIROTTI, 2013).

Dentro da obra “A revolução dos Bichos”, onde tudo se inicia com um sonho de um “porco”, o velho Major, visto como um líder entre os animais, tem-se o início de encontros para organizar uma rebelião. Onde se teria liberdade e paz para todos dentro da granja. Para incentivar os animais da granja a se rebelarem, Major conta seu sonho, com todos os detalhes, encorajando a todos.

Os animais, tratados como escravos, se veem num momento em que podem encontrar a liberdade. Logo após a morte de Major, eles têm a primeira abertura para conseguir fazer uma rebelião e expulsar Sr. Jones da Granja. Eles se organizam, cada um em sua função natural, mas, de uma forma rápida, os porcos tomam posse da liderança.

Dentro da obra de Hobbes, a solução para o estado de guerra, onde existe a desconfiança, é subjugar-se ao poder do mais forte para garantir a sua proteção, mas com a perda de sua liberdade.

O direito de natureza, a que os autores geralmente chamam *jus naturale*, é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser, para a preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida; e consequentemente de fazer tudo aquilo que seu próprio

juízo e razão lhe indiquem como meios adequados a esse fim (HOBBS, 1983, p. 78, grifo do autor).

A canção ‘Bichos da Inglaterra’, a canção que lhes foi ensinada pelo velho Major, era cantada todos os domingos, como sinal de liberdade. Era uma forma de mostrar que toda aquela revolução tinha um sentido, e que eles estavam ganhando dos homens. Seu novo líder (os porcos), havia lhes ensinado a ler e escrever, como um ato de igualdade, criando o Animalismo. Os porcos criam os Sete Mandamentos, que funcionam como regras, ou, as leis a seguir.

Para Hobbes, o Pacto ou Contrato é o momento em que todos abdicam de suas vontades, evitando a guerra de uns contra os outros, criando uma norma, uma Estado. O Homem é mau no estado de natureza e seria bom no estado civil, pela ordem estabelecida saindo de um estado de guerra de todos contra todos.

Uma releitura da obra a partir de Rousseau

Jean-Jacques Rousseau acredita que o Homem é bom por natureza, mas a sociedade o predispõe a inclinar-se para a corrupção. Para ele, o poder corrompe o indivíduo, vivendo em sociedade, o ser humano inclina-se para mau, se transforma em uma criatura má, que só pensa em prejudicar as outras pessoas.

Por esta razão o filósofo vislumbra o ser humano voltando ao estado de natureza, um indivíduo bom, generoso, o ‘bom selvagem’. Nesse sentido, é possível atrelar sua visão social ao contexto da desigualdade gerada entre os indivíduos, em especial, à questão da propriedade privada, o poder de posse.

O Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens pode ser relacionado à obra “Revolução dos Bichos” quando consideramos que os Bichos, ao expulsarem Jones da Granja do Solar, tentam retomar seu estado de natureza, visando o bem comum e a igualdade (GIROTTI, 2013, p. 142).

Dentro da obra “A Revolução dos Bichos” podemos identificar o convívio dos porcos com os seres humanos, que os corrompe. Mostrando que podem ser facilmente levados por ambição, de dinheiro e poder. Onde os mais fracos se tornam subordinados dos mais fortes.

Trazia nas mãos um chicote.
Houve um silêncio mortal. Surpresos, aterrorizados, uns juntos aos outros, os bichos olhavam a fila de porcos marchar lentamente em redor

do pátio. Pareceu-lhes enxergar o mundo de cabeça para baixo (ORWELL, 2002, p. 20).

Os porcos se autodenominaram os mais fortes, talvez seriam, os mais fortes intelectualmente, pois conseguiram fazer todos acreditarem em sua força, e assim, se manterem na liderança, tratando os demais bichos, como seus “escravos”.

Consequentemente, a formação da sociedade mostra, segundo Rousseau, que o mais fraco se aliena ao mais forte e mais rico e este garante novas forças, enquanto o pobre, o povo, que é fácil de se deixar enganar, escolhe a submissão e nomeia um líder supremo que garante a ordem e a proteção de sua sociedade. O que, posteriormente, irá revelar que a sociedade é a corrupção do indivíduo pelo poder (GIROTTI, 2013, p. 143).

A tomada de poder por parte dos animais na Revolução com a configuração de um líder no comando, e a sonhada liberdade prevista com a volta ao estado de natureza, onde todos os animais seriam iguais entre si – assegurados, no entanto, por um sistema de governo (o Animalismo) – é derrubado com a corrupção do poder por parte dos porcos, que declinaram na constituição dos mandamentos e na derrubada da máxima. Os porcos se tornaram homens, e o estado de natureza fictício dos animais é derrubado em vista de uma sociedade tal qual era antes da revolução.

Unamo-nos para defender os fracos da opressão, conter os ambiciosos e assegurar a cada um a posse daquilo que lhe pertence, instituímos regulamentos de justiça e de paz, aos quais todos sejam obrigados a conformar-se, que não abram exceção para ninguém e que, submetendo igualmente a deveres mútuos o poderoso e o fraco, reparem de certo modo os caprichos da fortuna. Numa palavra, em lugar de voltar nossas forças contra nós mesmos, reunamo-nos não poder supremo que nos governe segundo sábias leis, que protejam e defendam todos os membros da associação, expulsem os inimigos comuns e nos mantenham em concórdia eterna (ROUSSEAU, 1973, p. 275).

O que de início era uma revolução em busca de paz e igualdade para todos os animais, se tornou uma busca pelo poder e ganância, em que os porcos perderam o controle sobre si próprios, levando a perda total de liberdade e paz, que todos lutaram para conseguir: “De fato, Rousseau tinha razão em afirmar que o ‘homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe’” (GIROTTI, 2013, p. 144).

Maquiavel: os fins justificam os meios

Maquiavel, filósofo italiano, escreve o livro que seria dado como um manual para

governar, um manual para o Príncipe. Sua principal obra, “O Príncipe”, trabalha nesta perspectiva, como orientação para as ações do governante.

Segundo Maciel (2013), “Maquiavel contribuiu para a compreensão de como os governantes, de fato, agem e como antecipam seu comportamento. Defendeu o estudo da fundação de uma nação e a compreensão de seus elementos originais como essencial para a antecipação do futuro”.

Os meios serão sempre julgados honrosos e por todos louvados, porque o vulgo sempre se deixa levar pelas aparências e pelos resultados, e no mundo não existe senão o vulgo; os poucos não podem existir quando os muitos têm onde se apoiar (MAQUIAVEL, 1513).

Maquiavel, em sua obra “O Príncipe”, trabalha sobre o comportamento que era seguido pelo autoritarismo do governante, buscando um paralelo entre os tirânicos e os monarcas, demonstrando e descrevendo as estratégias de governo, os meios e os fins para governar e se manter no poder.

Maquiavel, dentro de seu discurso político, pode ser visto por duas perspectivas: 1) Conselhos ao Príncipe: meios de comandar o Estado e não perder o Poder; 2) Conselhos ao Povo: alerta o povo acerca da Tirania do Estado. Com isso, Maquiavel se enquadra na perspectiva de interpretação que queremos engendrar com a obra *Revolução dos Bichos*, uma vez que ao tomar o poder, os porcos da Granja do Solar fazem de tudo para se manter no poder, alterando os Mandamentos firmados na posse do comando da Granja, declinando e corrompendo os princípios do Sistema Animalismo, mostrando aos outros animais, por meio da retórica, que as mudanças são necessárias (GIROTTI, 2013, p. 139).

Na obra fica claro que o poder corrompeu aqueles que lutaram para o derrubar. Napoleão, que sempre tinha muitos discursos bonitos, onde mostrava o porquê do merecimento de ter mordomias, perante aos outros animais, sempre deixava claro que o privilégio dos porcos era para proteger aos outros bichos.

Os bichos da granja consideravam os porcos os mais inteligentes e espertos, assim, jamais duvidaram de suas boas intenções.

As alterações ao Mandamentos eram sempre feitas às escuras, sempre de acordo com as necessidades daqueles que estavam no poder. Poucos animais sabiam ler, e os poucos que sabiam, muitas vezes, não conseguiam entender corretamente aquilo que estava escrito. Como uma forma de corrupção dos mandamentos.

Portanto, “os fins justificam os meios”, é preciso fazer o que for preciso para atingir o fim, mesmo que o governante precise ser o mais maquiavélico possível.

Com o tempo, as ideias socialistas vão se mostrando mentiras, em que não se tem mais a liberdade de expressão, a alimentação é inferior, não se tem uma remuneração sobre o trabalho feito.

Com efeito, é mister um príncipe lançar mão de todos os meios para se atingir um fim e, ao mesmo tempo, alcançar o fim independente dos meios empregados, pois, o Povo não é inteligente o bastante para perceber as alterações, manifestação, e intenções do líder. Ainda assim, é preciso, para Maquiavel, garantir a ordem e o poder, mesmo que para isso o princípio precise ser mal, agir de má fé. Mas, tal príncipe, também pode ser bom, fiel, e, no entanto, em determinadas situações, cometer as mais terríveis atrocidades. É nesse sentido, pois, que podemos interpretar a obra de George Orwell dentro da perspectiva de Maquiavel, tendo em vista as alterações das leis realizadas pelo líder Napoleão procurando manter o seu poder, independentemente de qualquer maldade a ser empregada na manutenção da ordem (GIRROTI, 2013, p. 11).

Na perspectiva maquiavélica, um líder deve ser homem e animal, deve ser inteligente e forte em suas decisões e comando para manter o poder e a liderança perante seu grupo. O líder deve ser leão e raposa no âmbito da gestão e comando de sua organização.

Um regime totalmente totalitarista, onde todos temem seu líder e obedece a ordem não importa qual seja.

O sucesso e o fracasso: perspectivas de tomadas de decisão a partir da obra a Revolução dos Bichos

Um livro que retrata um momento da história mundial, o comunismo e seu ideal provocador e sedutor, afinal, qual de nós, seres pensantes, não queremos igualdade de direitos? Melhores condições de vida? Um líder poderoso e de boa oratória a nos guiar?

O livro se inicia com um grande sucesso, dos animais da granja, que conseguem se unir e tomar posse da granja. Em busca da liberdade e igualdade entre todos. Napoleão se denomina líder, visando buscar o melhor para todos. Com isso, ele consegue todo e total poder.

Afinal, todos buscamos uma liberdade e igualdade, dentro das organizações e na vida. Sempre buscando melhores condições.

Qual de nós não sonha com uma direção firme e acolhedora? Que nos de espaço para compartilhar ideias e horas vagas de prazer? Que nos oriente sempre para o melhor? Como vimos em Hobbes, é preciso formar uma sociedade tendo em vista que o “Homem nasce mau e a sociedade o conserta”.

Na obra, os animais em busca de tranquilidade e acolhimento não percebem que a liberdade não foi duradoura, tão pouco há igualdade, Napoleão (o porco), em busca do poder absoluto, se transforma em um corrupto sem escrúpulos, que não mede esforços para conseguir o que deseja, nem que para isso, ele roube, engane e até mesmo, mate. Será mesmo que os fins justificam os meios? Tal como se posiciona Maquiavel!

É sempre importante, dentro das organizações, líderes que buscam crescimento junto com a empresa e com seus colaboradores. Líder é a peça fundamental para união e bons resultados, ele precisa ter a empatia, de se colocar no lugar de todos que ali estão com ele, transmitir de forma correta a missão da empresa, e a importância de cada membro ali. Ele se torna a inspiração, e consegue incentivar seu grupo sem precisar das burocracias, ou leis.

Os porcos, dentro da liderança, acabam alterando os “Mandamentos”, declinando e corrompendo os princípios do Sistema Animalismo sempre os deixando de acordo com suas necessidades, tendo em vista que eles têm uma facilidade maior de comunicação, utilizam isso para fazer com que os demais acreditem que isso será bom para todos. A falha na liderança começa quando eles escondem as melhores comidas somente para si, em uma forma de se sentirem superiores e melhores perante os demais. Não há divisão, ou uma forma justa. Como diria Maquiavel, “meios de comandar o estado e não perder o poder... o líder deve ser homem e animal, inteligente e forte”.

Para Rousseau, o “Homem é bom por natureza e a sociedade o corrompe”, ou seja, o Homem em seu estado natural é bom, possui uma liberdade natural, ao passo que em sociedade o mesmo está dentro de uma liberdade civil regida por leis, que o faz corromper-se quando o mesmo atinge o poder, a soberania.

Orwell não mede esforços em nos retratar um sonho de sociedade vista do âmbito dos animais, a utopia do governo perfeito, escutada e aplaudida por todos os componentes do diversificado grupo.

Porém, o que torna diferente o oprimido do opressor? E se os papéis forem trocados? E se o oprimido chegar a ser chefe? Ele inevitavelmente será melhor que seu antecessor?

Orwell de forma lúcida nos mostra que em muitos casos não, o poder e suas artimanhas de dominação podem cegar qualquer indivíduo lotado de melhores intenções.

Afinal, o mundo está cheio de pessoas com boas intenções, que não conseguem olhar adiante para o próximo, com empatia e humildade, que seriam a base mínima de um bom líder em qualquer esfera.

Considerações Finais

Abordando como um sucesso o plano de que os animais conseguiram posse da granja, e de início um bom conceito de convivência entre os mesmos, em que conseguiram uma união entre todos, criaram regras e tiveram um bom líder, Napoleão e Bola-de-Neve, mesmo que muito diferentes, de início, conseguiram o que planejavam, Bola-de-neve buscava igualdade entre todos, sempre com bons princípios, diferente de Napoleão, que deixou o poder subir à cabeça, e teve um fracasso nos princípios.

Para que se tenha sucesso é necessário um bom trabalho em equipe, em que o Líder consiga transmitir, buscar e ser totalmente transparente, sábio e queira somente o melhor para o grupo. Um bom líder precisa ter princípios básicos. Os mandamentos tinham tudo para serem um grande sucesso, se usados da forma para o objetivo que foram criados, com a mesma sabedoria de quem os escreveu, um ajudando o outro e todos em busca do crescimento de uma Granja melhor para todos os animais.

Napoleão, na busca pelo poder e sucesso, acaba se tornando um líder ambicioso e corrupto, que ao invés de proteger e cuidar da Granja e dos seus amigos, acaba os escravizando.

No início da obra temos os animais tentando sair da escravidão imposta pelos humanos, com muito trabalho, e quase nenhuma comida. No meio da obra, temos uma conquista, eles acreditam ter conseguido a liberdade. E finalizamos a obra com o fracasso de tudo, de toda a liberdade conseguida por eles, dado que seus líderes acabam se tornando iguais ou piores que os humanos para si próprios, se autodestruindo, por ganância, poder e dinheiro.

Referências

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS. Filme da semana em Só Filosofia. Virtuous Tecnologia da Informação, 1999. Disponível em: http://www.filosofia.com.br/vi_filme.php?id=33. Acesso em: 26 jun. 2020.

CABRAL, J. F. P. Hobbes e o estado de natureza. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/hobbes-estado-natureza.htm>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GIROTTI, M. T. As relações humanas e o cotidiano privado: a corrupção social – uma perspectiva da gestão empresarial no âmbito da obra Revolução dos Bichos de George Orwell. **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, v. 2, n. 2, p. 131-150, mar. 2013. Disponível em:

[www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/empreendedorismo/volume2/ 7.pdf](http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/empreendedorismo/volume2/7.pdf). Acesso em: 9 set. 2019.

HOBBS, T. de M. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

MACIEL, W. Biografia de Nicolau Maquiavel. **Info Escola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/nicolau-maquiavel/>. Acesso em: 5 jan. 2020.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, IX).

ORWELL, G. **A revolução dos bichos**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002. 12

PORFÍRIO, F. Thomas Hobbes. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/thomas-hobbes.htm>. Acesso em: 9 set. 2019.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social ou princípios do direito político**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, XXIV).

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, XXIV).

WEFFORT, F. C. (Org.). **Os clássicos da política**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003. V. 1.